

PEDRO CORONA E AS PINTURAS DA CAPELA DO IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA

Myriam Salomão¹

A Capela do Imaculado Coração de Maria, conhecida como Capela da Pontifícia Universidade Católica, no bairro das Perdizes em São Paulo, tem em seu interior um importante – e pouco estudado – conjunto de pinturas executados pelo pintor Pedro Corona entre 1936 e 1940 (Fig. 1). Apesar de atualmente a capela ser consagrada ao Imaculado Coração de Maria, até o ano de 1948 ela atendia às irmãs da Ordem das Carmelitas Descalças que ali viviam em clausura e tinham como patrona Santa Teresa de Ávila.

I – SOBRE PEDRO CORONA

O presente estudo, além de analisar as pinturas existentes na capela, também resgata parte do trabalho do pintor, desenhista e professor Pedro Corona. Nascido em Jaú, interior do estado de São Paulo em 1897, fez seus estudos de desenho e pintura na Europa segundo os princípios das academias de belas artes. Suas obras artísticas foram elogiadas quando ainda jovem participante de inúmeras exposições individuais e coletivas, bem como de salões de arte do início do século XX, tendo recebido vários prêmios (TARASANTCH, 2002). Além de pintar, foi também professor de desenho artístico e trabalhou no curso de arquitetura da Universidade Mackenzie desde a sua criação no ano de 1947 até 1962 quando se demitiu (BREIA, 2005).

Segundo depoimento de seus ex-alunos foi ele quem desencadeou o fazer artístico das primeiras gerações de arquitetos formados pela Mackenzie, como Carlos Lemos, Fábio Penteado, Telesforo Cristofani, Paulo Mendes da Rocha, Décio Tozzi, Francisco Petracco e Ubirajara Ribeiro. Paulo Mendes da Rocha em 2010 no seu discurso de agradecimento pelo título de professor emérito da FAU/ USP nos dá um exemplo da atuação de Pedro Corona: “E um cidadão, um artista, pintor, professor de desenho artístico, indispensável a um curso de arquitetura, que foi para mim uma revelação muito interessante. Revelação no sentido de, antes de ensinar, dizer de coisas que

¹ Doutoranda na linha de Teoria e História das Artes da FAU/USP, Mestre em Artes Visuais pelo IA/UNESP e licenciada em Música e Artes Plásticas pela mesma instituição. Bolsista CAPES.

eu já sabia e não sabia o valor daquele saber. Desenhar, pintar aquarelas, modelos vivos, o professor Pedro Corona”. Faleceu em 1972 deixando como principal lição aqui lembrada pelo arquiteto Francisco Petracco “que o desenho é absoluto. Para você desenhar o primeiro traço, precisava ter muita coragem. Ele sempre nos ensinou a ter essa coragem, do primeiro e do último traço, pois se você fizer muito adereço fica uma porcaria”. (SERAPIÃO, 2008)

II - SOBRE A CAPELA DA PUC

A origem da capela remonta ao antigo Recolhimento de Santa Thereza primeiro da cidade de São Paulo fundado em 1685. Estes estabelecimentos religiosos que se formaram no sudeste brasileiro a partir da reclusão de um pequeno grupo de devotas eram lugares capazes de preservar a honra das mulheres e destinados ao repouso, asilo, abrigo e pousada. Diferenciavam-se dos conventos por não haver a prática dos votos solenes, apesar de que as mulheres que ali viviam usavam o hábito da ordem religiosa que administrava a casa.

Após diversos percalços, mudanças de endereço e com a demolição do quarteirão onde se encontrava o recolhimento para a ampliação da Praça da Sé no início do século XX, elas tiveram um novo lar inaugurado em 1923. O projeto do então convento foi elaborado em 1921, pelo arquiteto Alexandre Albuquerque para um terreno de elevado declive, em área bucólica do bairro das Perdizes. A construção neocolonial reflete o movimento nacionalista do início do século XX, que buscava a valorização e a definição de uma cultura tida como brasileira (Fig. 2).

É uma construção de grande porte e compreende quatro andares, incluindo os porões e a capela que ainda não estava pronta quando as irmãs se transferiram para o bairro das Perdizes. A benção da capela e a primeira missa foram celebradas em 16 de setembro de 1923, e a sua completa ornamentação desenvolveu-se em etapas até 1940 que incluiu em madeira o retábulo do altar-mor e dois retábulos laterais, as esculturas, as pinturas da capela-mor, do teto e paredes laterais da nave, bem como murais de azulejo colocados em faixas por todo corpo da igreja.

Em 1945, o edifício considerado muito grande para abrigar 21 irmãs Carmelitas, foi destinado como sede da recém-criada Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e sofre, então, sua primeira intervenção, buscando adaptar as instalações conventuais ao uso acadêmico. Em 23 de

dezembro de 1948, as Irmãs Carmelitas Descalças da Ordem de Santa Teresa entregaram o convento das Perdizes à Fundação São Paulo para a instalação da universidade e se transferiram para um novo mosteiro no bairro do Jabaquara, onde estão até hoje.

III – SOBRE AS INVOCAÇÕES DA CAPELA

A atual capela mantém a tradição carmelita de decoração pictórica com temas da vida mística de Santa Teresa, pois, assim como a capela do antigo recolhimento que recebeu as pinturas do padre Jesuíno do Monte Carmelo (1764-1819) no final do século XVIII (ANDRADE, 1945), a capela do novo convento das Irmãs Carmelitas Descalças recebeu as pinturas do artista Pedro Corona com a mesma temática.

Com instalação da PUC e mudança de título da capela para Imaculado Coração de Maria, as representações de Santa Teresa não destoam da atual invocação, pois “Maria Santíssima é a figura por excelência da comunhão da pessoa humana com a Sabedoria Divina” (ARIEDE, 2002: p.41) e assim como Santa Teresa, “a mestra por excelência da vida espiritual, primeira mulher a receber na Igreja o título de doutora” (ARIEDE, 2002: p.41) são duas personalidades femininas fundamentais do catolicismo e relacionadas com a busca da sabedoria verdadeira.

Santa Teresa, nascida em Ávila na região de Castela, Espanha, em 1515, é qualificada em diversos textos como possuidora de uma personalidade completa, rica e equilibrada, que vivenciou uma riquíssima experiência espiritual e mística e transformou esses relatos em um paradigma na igreja católica, a ponto do Papa Paulo VI, em 1970, declará-la “Doutora da Igreja”. Ela morreu em Alba de Tormes, próximo a Salamanca, no dia 04 de outubro de 1582 e deixou mais de 15.000 cartas escritas. Seus escritos mais conhecidos são: “Livro da Vida”, “Caminho da Perfeição” e “Castelo Interior”.

III – SOBRE AS PINTURAS

Pedro Corona não executou as pinturas na própria capela, pois na época ela servia exclusivamente às irmãs que viviam em clausura e, por se tratar de um convento de mulheres, com exceção do padre que as atendia, homens não ingressavam nas dependências conventuais. Assim, as pintu-

ras em óleo sobre tela foram executadas em outro local, depois transportadas e fixadas (ARIEDE, 2002: p.26). Para conclusão desse trabalho, Corona utilizou a *marouflage*, uma técnica de fixação de uma tela de pintura sobre um suporte sólido, tal como uma parede, teto ou uma placa, que podem ser tanto de gesso como cimento, etc. (RUTTER, 2012).

Sobre as pinturas é preciso destacar também um aspecto quanto à datação. Na única publicação existente sobre a capela da PUC realizada então pelo seu pároco, o Padre Pedro Antonio Ariede (2002: p.26), é afirmado que as pinturas foram colocadas em 1936, mas, provavelmente essa data se refira ao ano da encomenda do trabalho ao pintor, pois todas elas estão assinadas “P. CORONA” e datadas “1940” (Fig. 3).

As representações distribuídas por todo o interior e painéis apresentam motivos figurativos relacionados à vida de Santa Teresa não só de caráter decorativo, mas também simbólico e comemorativo: a santa aparece em atitude de receber misticamente a Sabedoria Divina, ou em ato de transmiti-la através dos escritos ou ainda de fazê-la frutificar em obras. Espalhadas pelas figuras, entre as falsas molduras, surgem folhagens e flores que representam a fecundidade e vitalidade da graça divina, conchas evocando a disponibilidade e o acolhimento do fiel à comunicação divina, assim como representam o ouvido humano atento à Palavra Sagrada e o brasão da ordem carmelitana com três estrelas (o Profeta Elias, Maria Santíssima e Santa Teresa) e uma forma estilizada do Monte Carmelo encimado por uma cruz (Fig. 4). Também surgem numerosos anjos infantis indicando ao homem que a comunicação entre o céu e a terra se faz com inocência. Há diversos vasos que contêm no seu bojo paisagens variadas (campo, mar, caminho, árvores, casas, capelinha, nuvens, etc.), para nos lembrar de que a comunicação divina transforma nosso olhar sobre a natureza (ARIEDE, 2002: p.45).

A seguir são apresentadas as pinturas com uma breve descrição das representações artísticas posto que esse estudo trata-se de um reconhecimento inicial da capela. Até o momento, não foram localizados documentos que expliquem o critério de seleção das imagens, nem da distribuição das representações pelo espaço. Alguns trechos de sua autobiografia “Livro da Vida” foram utilizados para completar a interpretação ou a narrativa da pintura, bem como as frases em latim presentes em algumas das representações foram traduzidas e indicadas a qual livro da Bíblia pertence.

Capela-mor (Fig. 5): todos os detalhes descritos anteriormente estão presentes no conjunto

de pinturas da capela-mor – folhagens, flores, ramagens, molduras, emblemas, anjos, conchas e vasos – ladeando o retábulo-mor e portas, chegando até o forro com a representação da primeira visão mística de Santa Teresa ao centro: “Certo dia em que estava em oração, quis o Senhor mostrar-me apenas as suas mãos; era tamanha a sua formosura que eu não consigo descrevê-las.” (AVILA, 2012: 28,1).

Ladeando a pintura central do forro da capela-mor, vemos as seis devoções teresianas, três de cada lado (Fig. 6). No lado esquerdo, a primeira ao fundo representa a Eucaristia e o Espírito Santo; no meio, a Cruz do Cristo Ressuscitado (pano branco) e glorioso (palma e coroa com as letras INRI); por último, próximo ao arco cruzeiro, temos o jarro e o pedido da samaritana: “Domine, da mihi aquam” (Senhor dá-me dessa água: João 4, 15). No lado direito, a primeira pintura ao fundo com a Trindade (o triângulo), o Espírito Santo (a pomba) e o Cristo Crucificado (a cruz) presentes no coração, são a luz para a esposa: “Dilectus meus descendit in hortum suum” (O amado desceu no seu jardim: Ct 6, 2); no meio, os símbolos da paixão (coluna, açoite, sudário) são sinal da vitória (a palma); por último, também próximo do arco cruzeiro, a representação a cruz do rosário com cinco diamantes-estrelas (as chagas de Cristo) alude a uma visão de Santa Teresa:

“Certa vez, estando com a cruz na mão, que eu trazia num rosário, o Senhor a tomou em suas mãos e, quando me devolveu, ela estava formada por quatro pedras grandes muito mais preciosas que diamantes, incomparáveis, pois quase não se pode comparar o visível com o sobrenatural; diante das pedras preciosas lá de cima, o diamante parece pedra falsificada e imperfeita. As cinco chagas estavam formosamente cravejadas na cruz. Disse-me Ele que eu sempre veria a cruz dessa maneira, o que aconteceu: eu já não via a madeira de que era feita, e sim essas pedras – mas só eu o via.” (AVILA, 2012: 29,7).

Há dois altares laterais na nave com retábulos e as respectivas imagens devocionais, sendo que acima dos altares há sempre um conjunto de pinturas com motivos religiosos e decorativos. No altar do lado direito (lado da Epístola), temos a imagem de São José e acima do retábulo, ao fundo, três painéis: à esquerda do retábulo, uma pomba sobre um livro: o Espírito Santo inspira as Escrituras que junto com a Eucaristia são o alimento da alma que Jesus prometeu aos seus discípulos; ao meio entre um ósculo com vitrais, os símbolos eucarísticos: a videira e o trigo (Fig. 7); à direita, mais símbolos eucarísticos: o cálice e a hóstia. Já no altar do lado esquerdo (lado do Evangelho), há a imagem do Sagrado Coração de Jesus e como no altar de São José, temos a pintura de

três painéis: à esquerda, o lírio de São José sobre a cruz e a espada indicando a proteção do santo sobre a Igreja e o Estado, ao meio como do outro lado, entre um ósculo com vitrais, os símbolos eucarísticos da videira e do trigo e à direita, o coração e a coroa de espinhos que indicam o amor de Cristo na paixão, celebrada agora na Eucaristia (Fig. 8).

No conjunto pintado no forro da nave há dois subgrupos que podemos identificar a partir das duas grandes telas centrais: um primeiro, próximo ao arco cruzeiro formado por três pinturas, a central, com a representação da graça mística concedida a Santa Teresa no dia 15 de agosto de 1561 na Capela do Santíssimo da Igreja de São Tomás em Ávila (Fig. 9) e duas telas laterais: a esquerda do altar São João da Cruz, doutor místico, colaborador de Santa Teresa, escritor e poeta e à direita do altar, São José, de quem Santa Teresa foi devotíssima, dedicando a ele todos os mosteiros por ela fundados, e a quem considerava seu mestre de oração e fiel protetor em todas as necessidades. Em cada um dos quatro cantos do quadro é representado o brasão da família do pai de Santa Teresa, Dom Alonso Sánchez de Cepeda.

É significativa a presença de São José, direta ou indiretamente representado nas pinturas da capela: há uma imagem retabular; o painel citado acima; na representação da graça mística concedida a Santa Teresa ele também está; numa das pinturas da parede lateral da capela; em diversas cenas dos painéis de azulejo, além da presença de lírios, seu atributo iconográfico mais constante tanto nas pinturas como nos azulejos. Apesar de sabermos que São José é o santo protetor e patrono das Irmãs Carmelitas Descalças do sudeste do Brasil, só o aprofundamento dos estudos sobre a encomenda da pintura para a capela da PUC trará mais certeza se isso aconteceu a pedido das encomendantes ou se foi uma escolha do pintor Pedro Corona.

A segunda tela de grande dimensão na parte central do forro da nave representa a glorificação de Santa Teresa, numa “alegoria criada pelo pintor” (ARIEDE, p.55), ou seja, aqui temos uma indicação de que, ao menos nessa pintura, Pedro Corona não seguiu modelos iconográficos pré-estabelecidos, ficando ao seu critério a representação da cena.

O quadro possuiu em suas laterais conjuntos formados por três representações de santos cada um, todos também de devoção de Santa Teresa (Fig. 10): do lado esquerdo, partindo do arco cruzeiro em direção ao coro, temos primeiro Santo Inácio de Loyola (1491-1556), fundador dos jesuítas, junto aos quais Santa Teresa encontrou grande apoio; ao meio, Santa Maria Madalena e o

terceiro, São Francisco de Assis (1181-1226), o primeiro santo a receber os estigmas da paixão. Do lado direito, também partindo do arco cruzeiro em direção ao coro, primeiramente temos o apóstolo São Pedro; ao meio, Santa Clara de Assis, da qual Santa Teresa admirava a perfeição com que ela administrava os seus mosteiros e de quem teve uma visão e por último, o apóstolo São Paulo, de quem também era muito devota e que, segundo seus escritos “recomendava-me a São Pedro e a São Paulo, porque o Senhor me falou pela primeira vez em seu dia, dizendo-me que eles me guardariam dos logros.” (AVILA, 2012: 29, 5).

Completando o conjunto de pinturas do forro da nave, após a representação da glorificação de Santa Teresa, há uma série de painéis com ramagens, formas conchóides e o emblema carmelita em tons de branco, azul e dourado.

Nas paredes laterais há pinturas de diversas experiências místicas de Santa Teresa. Do lado esquerdo da porta principal temos a apenas uma pintura representando Santa Teresa divulgadora da devoção a São José através de seus escritos. Do lado direito da porta principal temos a pintura de Santa Teresa encontrando o Menino Jesus numa escada do mosteiro. Seguindo por esse lado em direção ao altar há uma pintura de Santa Teresa escritora sob a ação do Espírito Santo e, mais ao meio da nave, a Transverberação de Santa Teresa.

Todas essas pinturas de execução de Pedro Corona foram apresentadas com o objetivo principal de divulgar um acervo pictórico quase desconhecido pela maioria dos pesquisadores e apreciadores de arte. Inserem-se, dentro da pintura com motivos religiosos, em um momento que os modelos acadêmicos e ligados às belas-artes estão superados pela pintura modernista. Ao mesmo tempo, é importante destacar a atuação de Pedro Corona que, mesmo representando um modelo superado, em seu trabalho como professor é responsável pela formação de artistas e arquitetos que representam hoje, a modernidade.

Há ainda diversos aspectos da produção de Pedro Corona a ser descoberta e divulgada, pois não importa como esteja qualificada, ela existe e representa a história da pintura em São Paulo nesse espaço de tempo, década de 1940, e registra a permanência de valores acadêmicos não superados completamente em nossa cultura.

BIBLIOGRAFIA

- ARIEDE, Pedro Antonio. *Nossa Capela: Paróquia Coração Imaculado de Maria – PUC*. São Paulo: Alter Market, 2002.
- ANDRADE, Mário de. *Padre Jesuíno do Monte Carmelo*. Rio de Janeiro: Sphan/Min.da Educação e Saúde, 1945. (Publicação nº14)
- AVILA, Teresa de. *Livro da Vida (Autobiografia), 1562-1565*. Disponível para consulta ou download em sites da Ordem dos Carmelitas Descalços, como por exemplo, em <<http://www.carmeloonline.com.br/livros/index.php?pag=vd>>. Acesso em 14 jun. 2012.
- BREIA, Maria Teresa Stockler e. *A transição do ensino de arquitetura Beau-Arts para o ensino da arquitetura moderna na Faculdade de Arquitetura Mackenzie – 1947-1965*. São Paulo: FAU/ USP, 2005. (Tese de Doutorado)
- LEITE, José Roberto Teixeira. *Dicionário crítico da pintura no Brasil*. Rio de Janeiro: Artlivre, 1988.
- MURAYAMA, Eduardo Tsutomu. *A pintura de Jesuíno do Monte Carmelo na igreja da Ordem Terceira do Carmo de São Paulo*. São Paulo: Instituto de Artes/ UNESP, 2010, 275p. (Dissertação de Mestrado).
- PONTUAL, Roberto. *Dicionário das artes plásticas no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.
- ROCHA, Paulo Mendes da; SEGAWA, Hugo. *Paulo Mendes da Rocha recebe título de professor emérito da FAUUSP*. Pós. Rev Programa Pós-Grad Arquit Urban. FAUUSP, São Paulo, n. 28, dez. 2010.
- Disponível em <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-95542010000200013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 19 jul. 2012.
- RUTTER, Lynner. *Glossary of Esoteric Architectural and Design Terms*. Disponível em <<http://www.ornamentalist.net/2008/06/marouflage-ceiling-in-progress.html>> Acesso em 17 jul. 2012
- SERAPIÃO, Fernando. *Francisco Petracco: o arquiteto que ajudou a mudar o panorama da arquitetura paulista ainda tem grande parte de sua produção oculta, quase secreta*. Publicada originalmente em PROJETO DESIGN, Edição 336, Fevereiro de 2008. Disponível em <<http://www.arcoweb.com.br/entrevista/francisco-petracco-o-arquiteto-20-03-2008.html>> Acesso em 26 jun. 2012.
- TARASANTCHI, Ruth Sprung. *Pintores paisagistas: São Paulo 1890 a 1920*. São Paulo: Edusp/ Imprensa Oficial do Estado, 2002.

IMAGENS



Fig. 1 – Interior da Capela da PUC com destaque para a pintura do forro da nave. Foto: Myriam Salomão, 2012.

Fig. 2 – Fachada da Capela da PUC. Foto: Myriam Salomão, 2012.



Fig. 3 – (1940) Pedro Corona, “São João da Cruz”, óleo sobre tela, teto da nave da Capela da PUC, São Paulo/SP. (Detalhe da assinatura e data no painel.) Foto: Myriam Salomão, 2012.



Fig. 4 – (1940) Pedro Corona, óleo sobre tela, painel central da capela-mor da Capela da PUC, São Paulo/SP. (Detalhe da moldura com emblema da ordem e ramagens.) Foto: Myriam Salomão, 2012.



Fig. 5 – (1940) Pedro Corona, conjunto de pinturas da capela-mor, óleo sobre tela, Capela da PUC, São Paulo/SP. Foto: Myriam Salomão, 2012.



Fig. 6 – (1940) Pedro Corona, conjunto de pinturas do forro da capela-mor, óleo sobre tela, Capela da PUC, São Paulo/SP. Foto: Myriam Salomão, 2012.

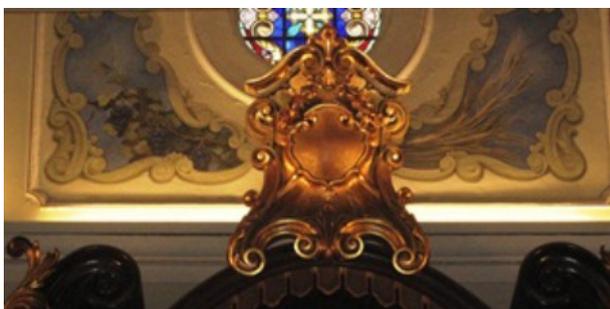


Fig. 7 – (1940) Pedro Corona, Videira e Trigo, óleo sobre tela, Capela da PUC, São Paulo/SP. (Painel atrás do retábulo de São José) Foto: Myriam Salomão, 2012.



Fig. 8 – (1940) Pedro Corona, painéis do altar do Sagrado Coração de Jesus, óleo sobre tela, Capela da PUC, São Paulo/SP. Foto: Myriam Salomão, 2012.

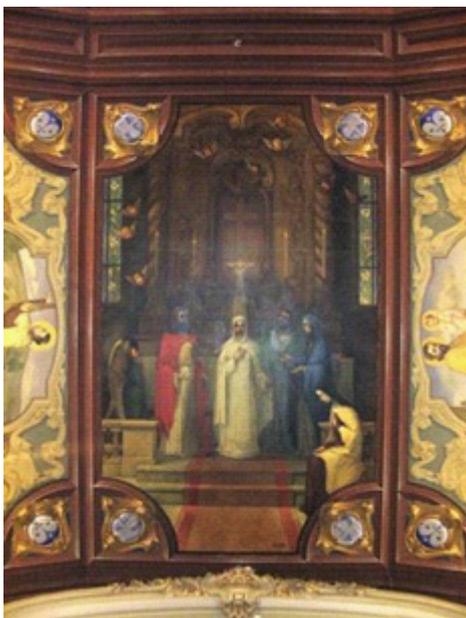


Fig. 9 – (1940) Pedro Corona, Graça mística concedida a Santa Teresa (centro), óleo sobre tela, Capela da PUC, São Paulo/SP. Foto: Myriam Salomão, 2012.



Fig. 10 – (1940) Pedro Corona, Glorificação de Santa Teresa (centro) e seus santos devocionais (laterais), óleo sobre tela, Capela da PUC, São Paulo/SP. Foto: Myriam Salomão, 2012.